



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13158 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO (SEC. XIII): UMA ANÁLISE DAS QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE A ALMA

Rafael Henrique Santin - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Terezinha Oliveira - UEM - Universidade Estadual de Maringá

ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO (SEC. XIII): UMA ANÁLISE DAS *QUESTÕES DISPUTADAS SOBRE A ALMA*

Resumo: Neste trabalho analisamos a necessidade dos estudos sobre a alma para a formação do educador na obra de Tomás de Aquino (1225-1274). O objetivo é demonstrar como o teólogo dominicano entendia a alma e como essa temática foi abordada por ele na formação dos estudantes da faculdade de Teologia do Studium de Santa Sabina. O referencial teórico que fundamenta a pesquisa é da História Social, especialmente as obras dos historiadores da Escola dos Annales Marc Bloch (2001), Lucien Febvre (1985) e Fernand Braudel (2014). Nossa fonte é formada pelas Questões Disputadas Sobre a Alma, lições conduzidas pelo teólogo dominicano em Roma, entre os anos de 1266 e 1267. A obra procura responder a duas questões centrais: em que consiste a alma e como ela funciona. Observamos que o conhecimento da alma parte de um estudo da alma em si, passando pela relação da alma com o corpo, por suas capacidades, pelo alcance do conhecimento humano até chegar à questão afetiva. Observamos, ainda, que as Questões Disputadas Sobre a Alma contém ensinamentos relevantes que podem orientar a formação dos estudantes no presente, esse aspecto é o que, a nosso ver, caracteriza essa obra como um clássico do pensamento educacional.

Palavras-chave: História da Educação; Formação de professores; Tomás de Aquino; *Questões Disputadas Sobre a Alma*

Neste trabalho apresentamos alguns resultados de nossa pesquisa sobre a formação do educador na obra de Tomás de Aquino. Essa pesquisa trata dos conceitos de ensino e de aprendizagem nas *Questões Disputadas Sobre a Alma*, um conjunto de lições que Tomás de Aquino ministrou para os estudantes do *Studium* de Santa Sabina, em Roma, entre os anos 1266 e 1267. A obra, registro de aulas dadas pelo autor a estudantes que se tornariam educadores, evidencia a centralidade do estudo da alma para a formação do educador, no século XIII. Ela tem, portanto, uma natureza didático-pedagógica que precisa ser reconhecida e a coloca como fonte importante para a História da Educação Medieval.

O referencial teórico que baliza nossas reflexões é da História Social, especialmente as obras dos historiadores da Escola dos *Annales* Marc Bloch (2001), Lucien Febvre (1985) e Fernand Braudel (2014). Em consonância com esse referencial, inquirimos a fonte com o intuito de extrair dela as lições que pode conter sobre os homens no tempo, objeto próprio da História, segundo Bloch e Febvre. Entendemos que a temática abordada precisa ser pensada numa perspectiva de longa duração, como nos ensina Braudel, para que tenhamos a percepção do movimento da história, repleta de rupturas e permanências que dão forma à memória, condição imprescindível para a ação no presente.

A fonte para o desenvolvimento deste texto, como informamos antes, é formada pelas *Questões Disputadas Sobre a Alma*. Essas *Questões* foram ministradas no *Studium* de Santa Sabina para jovens que se tornariam educadores, seja nas Universidades, seja em outros espaços sociais, como igrejas, paróquias, conventos e cortes reais. Seu conteúdo constituía-se, na perspectiva de Tomás de Aquino, como importante para a preparação de seus estudantes, futuros educadores. Face a isso, realizamos um estudo da obra com a intenção de verificar o quê, acerca da alma, os estudantes de Tomás de Aquino deveriam aprender. A obra procura responder a duas questões centrais: em que consiste a alma e como ela funciona. Tomás de Aquino desenvolve a discussão em 5 partes: 1º: a alma em si mesma, entre os Artigos 1 e 7; 2º: o corpo em relação à alma, entre os Artigos 8 e 11; 3º: as capacidades operativas humanas, entre os Artigos 12 e 15; 4º: o alcance do conhecimento humano, entre os Artigos 16 e 20; e 5º: a capacidade afetiva em condições extraordinárias, no Artigo 21. Observamos que o conhecimento da alma parte de um estudo da alma em si, passando pela relação da alma com o corpo, por suas capacidades, pelo alcance do conhecimento humano até chegar à questão afetiva. Esse itinerário contempla debates travados entre mestres que procuravam fazer uma leitura escolástica de Aristóteles, como Tomás de Aquino e Alberto Magno, com mestres que trilhavam os caminhos de uma escolástica assentada no neoplatonismo ou no averroísmo. Observamos, ainda, que as *Questões Disputadas Sobre a Alma* contém ensinamentos relevantes que podem orientar a formação dos estudantes no presente, esse aspecto é o que, a nosso ver, caracteriza essa obra como um clássico do pensamento educacional.

Antes de passarmos ao conteúdo da fonte, consideramos importante explicar, brevemente, a forma que ela assume, que é a da *disputatio*, parte do que conhecemos como

método escolástico. Na Universidade medieval, em especial no século XIII, seja na Faculdade de Artes, seja nas Faculdades Superiores (Direito, Medicina ou Teologia), os alunos estudavam em duas fases: a *lectio* e a *disputatio*. Na primeira fase, lia-se as obras das *auctoritas* (autoridades). As *auctoritas* eram os textos considerados fundamentais para o estudo de determinada matéria. Nos cursos de Teologia, por exemplo, estudava-se como autoridades as Sagradas Escrituras e as obras dos Padres da Igreja, como Ambrósio de Milão, Jerônimo de Estridão, Agostinho de Hipona, Gregório Magno, Basílio de Cesaréia, Atanásio de Alexandria, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo. Em Filosofia, lia-se como autoridades Platão, Aristóteles, Averróis, Avicena entre outros. A fase de leitura das autoridades tinha o objetivo de conhecer a fundo os conteúdos das obras, fazendo-se, quando possível e necessário, interpretações a partir de questões importantes na perspectiva do leitor. Na segunda fase do método, debatia-se problemas do presente a partir das autoridades lidas na primeira fase. Esse debate tinha a seguinte estrutura: colocava-se o problema a ser debatido; apresentava-se uma hipótese; passava-se às objeções, nas quais os participantes colocavam argumentos no sentido de confirmar a hipótese; em seguida, passava-se a palavra aos que tinham argumentos contrários à hipótese; depois, o mestre considerava os argumentos apresentados pelos defensores e os opositores da tese e emitia uma conclusão; no final, se necessário, o mestre rebatia e explicava cada um dos argumentos colocados na etapa de objeções. Os Artigos das *Questões Disputadas Sobre a Alma* tinham essa estrutura da disputa ou debate.

Como as *Questões* que nos servem de fonte foram desenvolvidas na Faculdade de Teologia, as autoridades invocadas são aquelas da Teologia. Entretanto, para o ingresso nas Faculdades Superiores, como era a de Teologia, precisava-se passar pela Faculdade de Artes, onde se estudava as ciências do *Trivium* (Dialética, Gramática e Retórica) e do *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música) e a Filosofia. Por isso, na obra em questão, mescla-se às autoridades da Teologia autoridades da Filosofia. Portanto, a complexidade das referências que sustentam as *Questões Sobre a Alma* impõe ao leitor contemporâneo um desafio extra, além da forma em que o texto se apresenta, isto é, exige um razoável conhecimento dessas autoridades, até para bem identificar a originalidade da discussão proposta pelo autor.

Apresentamos, a seguir, parte dos resultados obtidos em nossa pesquisa. Discorreremos sobre as discussões empreendidas no Questão 1, intitulada *Se a alma humana pode ser forma de algo concreto*.

Na primeira *Questão*, Tomás de Aquino discute se a alma humana pode ser forma e, ao mesmo tempo, algo concreto. Em sua conclusão, o autor retoma as considerações de diversas autoridades – Aristóteles, Empédocles, Galeno e Platão – e, após analisá-las, defende que a alma está unida substancialmente ao corpo e que a alma pode ser algo concreto.

De acordo com o teólogo, ao se contrapor às ideias de Platão, “De fato, é manifesto que aquilo pelo qual vive o corpo é a alma. Ora, viver, para os viventes, é ser. Assim, a alma é

aquilo pelo qual o corpo humano tem o ser em ato; mas tal coisa é forma: a alma humana é, portanto, a forma do corpo”. O conceito de “forma” empregado pelo autor tem o sentido daquilo que dá o ser a uma determinada coisa. Trata-se da noção aristotélica de “forma”, que se complementa com a noção de “matéria”. De acordo com a teoria aristotélica, a matéria é o que está em potência para toda existência. Os seres humanos, os cavalos e os cães são compostos de matéria. A matéria é o que iguala todos os seres existentes, pois se existem é porque são atualização da matéria. O elemento responsável pela atualização da matéria é a forma, daí é que surgem as diferenças essenciais entre os seres existentes. Os seres humanos, assim como os cavalos e os cães, são compostos de matéria, mas diferentemente dos cavalos e dos cães, que têm, respectivamente, forma de cavalo e forma de cão, os seres humanos têm a forma de ser humano. Assim, nós, seres humanos, somos seres compostos de matéria (potência de existir) e forma (forma de ser humano). Segundo Tomás de Aquino, a alma é a forma do ser humano, é o que nos dá o ser.

Vencida a primeira parte do problema suscitado pela *Questão*, Tomás de Aquino passa a considerar a possibilidade ou não de a alma ser algo concreto. O aspecto central que precisa ser destacado nessa parte da discussão é a noção de “concreto”. Para o autor, é concreto o que pode subsistir por si mesmo, isto é, concreto é o que tem uma operação própria, que independente de outro ser para ser o que é. A alma tem como operação própria a inteligência (cf. TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones Disputatae de Anima*, q. 1, resp. 11). A inteligência, em si, independe de qualquer órgão corporal. Portanto, a alma é algo concreto, pois apesar de ser forma do corpo e de estar em união substancial com ele, não precisa dele para ser o que é.

A defesa da alma como algo concreto contém desdobramentos que observamos no texto tomasiano. O primeiro deles é sobre a localização da alma humana na hierarquia dos seres existentes. Se a alma humana independe do corpo, então, podemos considerá-la como equivalente às substâncias separadas, como os anjos? A resposta de Tomás é não, pois a alma humana tem uma natureza diversa da natureza das substâncias separadas. Com efeito, as substâncias separadas, assim como a alma humana, têm como operação própria a inteligência, mas, ao contrário da alma humana, elas não precisam unir-se a um corpo para entender. A alma humana precisa dessa união porque é da sua natureza alcançar o conhecimento imaterial a partir das coisas materiais, o que significa que, segundo o próprio Tomás de Aquino, “[...] a alma tem certa dependência do corpo, na medida em que sem o corpo a alma não chega ao complemento de sua espécie. Entretanto, não depende do corpo no sentido de que não possa existir sem ele” (TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones Disputatae de Anima*, q. 1, resp. 12).

Essa última afirmação não pode ser analisada sem considerar as questões históricas que atravessam nossa fonte. Não podemos nos esquecer que estudamos um teólogo cristão, que viveu no século XIII, e que era ativo na Cristandade, tendo trabalhado como professor e aconselhado reis, príncipes, papas e outras autoridades laicas e eclesiásticas. Entendemos que suas reflexões devem ser analisadas no conjunto que denominamos hoje como “Cristandade ocidental”. Um dos pilares do Cristianismo é a crença numa vida posterior à que vivemos no presente e que é eterna. O que iria para junto do Criador não seria o corpo, já que o corpo

continua nesse plano da existência em contínuo processo de decomposição até desaparecer por completo. Então, restaria dizer que é a alma que vai para a outra vida. Nesse sentido, é razoável conceber, segundo os princípios da Teologia cristã, que a alma seja concreta, pois para que possa retornar para junto do Criador é indispensável que ela continue existindo mesmo sem o corpo.

Contudo, surge outro problema. Se a alma é concreta e, por isso, é o que é independentemente do corpo, podendo existir sem ele, porque ela necessita do corpo para realizar sua operação própria, que é a inteligência? Essa questão é importante porque evidencia a síntese escolástica que Tomás de Aquino desenvolve para tratar do conceito de alma. Afirmar a concretude da alma e sua dependência do corpo, em que pese a aparente contradição contida na afirmação, é a forma que Tomás de Aquino encontrou para conciliar a teoria peripatética e a tradição cristã. A alma humana, segundo o teólogo dominicano, depende do corpo porque segundo Aristóteles nós conhecemos as espécies inteligíveis a partir dos sentidos, do mundo material, e, ao mesmo tempo, ela é concreta, isto é, tem uma operação que lhe é própria e independe de qualquer outro ser para existir como tal, porque de acordo com as *Sagradas Escrituras* todos os seres humanos podem atingir a vida eterna ao lado do Criador – aliás, essa é a grande promessa feita por Deus aos homens, segundo os textos cristãos. Assim, não há, na perspectiva tomasiana, contradição entre a dependência que a alma tem do corpo e o fato de ela ser concreta. O que há é um dado da razão (a dependência do corpo para que a alma realize sua operação própria), oriundo da teoria aristotélica, e um dado da fé (a concretude da alma), revelado pelas *Sagradas Escrituras*, convergindo para estabelecer um conceito escolástico de alma.

O conceito escolástico de alma ao qual nos referimos, do nosso ponto de vista, carrega elementos essenciais do que estamos chamando em nossa pesquisa de “História da Educação tomasiana”. Esses elementos serão evidenciados no decorrer da leitura das próximas *Questões*, mas podemos destacar agora o primeiro deles: a dependência que a alma tem do corpo para realizar sua operação própria, a inteligência, é prova de que, na perspectiva tomasiana, a educação, entendida como um processo que envolve ações de ensino e de aprendizagem entre agentes sociais enquadradas em determinadas condições sociais, históricas, econômicas e culturais que podem dar-se formal, não-formal ou informalmente, é uma necessidade humana. Sem educação, é impossível que a alma, como algo concreto, seja o que pode e deve ser. Se a alma não for o que pode e deve ser, segundo uma determinada ordem ‘natural’ defendida por Tomás de Aquino, então, poderia ter problemas para trilhar o caminho da vida eterna. Hoje, se não formos educados para entender a ‘natureza’ social do homem não atingimos e praticamos a vida social com vistas a paz e a harmonia,

Referências

BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FEBVRE, L. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

TOMAS DE AQUINO. *Questões Disputadas Sobre a Alma*. São Paulo: É Realizações, 2012.